

CREUSA DOS SANTOS MELO, RA: 7032
JURANDIR APARECIDO BRÁS, RA: 6942

A LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

FACCAMP
2009

CREUSA DOS SANTOS MELO, RA: 7032
JURANDIR APARECIDO BRÁS, RA: 6942

A LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS

Monografia apresentada como exigência para aprovação no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Pedagogia da FACCAMP, sob orientação da Prof^a. Ms. Vivian Sotelo de Siqueira Mesquita.

FACCAMP
2009

Folha de Aprovação

Nota da Professora Orientadora: _____

Nota do Professor (a) Avaliador (a): _____

Nota final: _____

_____ de Dezembro de 2009.

“A escola deve começar a ler para os alunos o mais cedo possível. Para os de família de baixa renda, está a cargo do professor provocar situações desse tipo, de que os outros dispõem desde que nascem”.

Delia Lerner

Dedicamos este Trabalho de Conclusão do Curso

Ao Nosso Bom Deus e Pai Celestial - criador de todas as coisas - por ter nos escolhido, amado incondicionalmente e confiado a cada um de nós uma missão muito especial.

Ao Nosso Senhor Jesus Cristo por todas as luzes e bênçãos derramadas e pelas inspirações infundidas em nossos corações e em nossas mentes.

A todos os Professores, Mestres e Doutores da Faccamp por acreditarem no seu projeto e dispensado o melhor de si em nosso favor.

Agradecemos,

À professora Vivian Sotelo de Siqueira Mesquita por ter acolhido e dado continuidade ao processo de organização de capítulos da professora Andréa Rodrigues Dalcin, - muito competente, dedicada e um exemplo a ser imitado - que por motivos particulares teve que deixar a Faccamp. Vivian, que veio semear virtudes de capacidade por ter nos acolhido e dedicado horas muito importantes da sua vida para dar-nos a atenção e a orientação necessária para a elaboração muito detalhada e rica de conteúdo.

Eu, Jurandir Aparecido Brás, em particular, ofereço a minha participação no desenvolvimento deste TCC e os três anos de duração do curso à minha querida esposa Nilci e à minha filha Elaine por terem cedido muitas horas da minha ausência e as suas justas horas do convívio e do laser em silêncio e resignação para o meu aperfeiçoamento. Que Deus abençoe todas vocês!

Eu, Creusa dos Santos Melo, dedico a minha participação na realização dessa pesquisa (TCC) e a conclusão do curso de Pedagogia ao meu esposo e a minha filha Laís. Foram eles que com paciência e compreensão estiveram sempre ao meu lado apoiando no que fosse possível, aceitando pacientemente a minha ausência, sabendo que tudo estava sendo por uma causa justa. Creio que sem a presença e o apoio deles, toda essa conquista poderia ter sido mais complicada, mas graças a Deus a vitória chegou e vencemos juntos.

RESUMO

Através desse trabalho e fundamentados pelos teóricos de Isabel Solé e Delia Lerner, apontamos as respostas do motivo de tantas crianças no mundo de hoje, em vias de aprendizado nas séries iniciais e no ensino fundamental, com relação à leitura, se apresentam de forma a desejar, isto é, crianças pouco interessadas em livros e demonstrando pouca intimidade com a leitura e dificuldades na escrita. O trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica com estudos relevantes em relação a leitura nas séries iniciais e estão fundamentados aos literários existentes. Com a leitura, a criança entra no mundo das descobertas e esta por sua vez motiva-as na concretização da leitura propriamente dita, ou seja, à compreensão, e impele aos resultados que se consolida através da escrita. A escola torna-se fator fundamental para a aquisição do hábito da leitura e formação do leitor, pois mesmo com suas limitações, ela é o espaço destinado ao aprendizado da leitura. As leituras norteadas por diferentes objetivos produzem efeitos diferentes, que modificam a ação do leitor diante do texto. Entende-se que a leitura é um dos caminhos de inserção no mundo e da satisfação de necessidades do ser humano.

Palavras-chave: séries iniciais, leitura, ensino, aprendizagem, estratégias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I.....	11
LEITURA: O RETRATO DE UMA REALIDADE.....	11
1.1 - A LEITURA EM NOSSO PAÍS: A QUANTAS ANDA?.....	11
1.1.1 - RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL.....	11
1.2 - O RETRATO DA LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DAS ESCOLAS PES- QUISADAS.....	13
DESEMPENHO DAS ESCOLAS.....	13
CAPÍTULO II.....	19
A LEITURA ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL.....	19
2.1 - COMPORTAMENTO LEITOR E FINALIDADES DE LEITURA: UMA AR- TICULAÇÃO IMPORTANTE.....	19
2.2 - USO DAS ESTRATÉGIAS DE LEITURA: CONTRIBUIÇÕES PARA O APRENDIZADO NAS SÉRIES INICIAIS.....	22
CAPÍTULO III.....	25
LEITURA: PROPOSTAS DE TRABALHO EM SALA DE AULA.....	25
3.1 - PRÁTICAS DE LEITURA EXISTENTES EM SALA DE AULA NAS SÉ- RIES INICIAIS: UM OLHAR INVESTIGADOR.....	25
CONCLUSÃO.....	30
BIBLIOGRAFIA.....	32

INTRODUÇÃO

A leitura deve ser um instrumento motivador e desafiador, capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade. Ela é uma prática que deve ser valorizada e ensinada na escola.

Diante dessa afirmação, mesmo sabendo que ainda não temos uma experiência como docente, buscamos observar durante o período de estágio o trabalho das professoras com a oralidade em sala de aula. O trabalho de observação se deu numa sala de segundo ano, antiga primeira série. Já tinha conhecimento de que a professora contava com uma longa experiência como docente. No período que fiquei na sala a professora só trabalhou com conteúdos de alfabetização. Notei que os alunos dessa sala participavam ativamente da atividade proposta. Devido à professora não ter apresentado nenhuma proposta de atividade que envolvesse a oralidade - proposta de leitura - tomei a liberdade de perguntar sobre como ela desenvolvia o trabalho de leitura com seus alunos. A sua resposta não foi das melhores, disse que na reunião pedagógica era solicitado aos professores das séries iniciais que “tomassem” a leitura individual dos alunos, mas que isso nem sempre era possível pelo curto tempo que tinha, ou seja, não tinha tempo para a prática da leitura porque se dedicava mais as práticas de alfabetização. Diante da resposta da professora, observa-se que é dado mais importância para a escrita e não para a prática da leitura, que é um objeto de ensino e aprendizagem tão importante para a criança fora da sala de aula. Nota-se também o desconhecimento da professora sobre a importância da leitura para a criança. Então se a leitura fosse trabalhada de forma consciente e se o objetivo da professora não fosse somente de que seus alunos lêem e escrevam bem, já no início da fase escolar, ela teria a oportunidade de criar no aluno o interesse pela leitura desde pequenos.

Em sala de aula a leitura é um objeto de ensino que não deve ficar em segundo plano, ou seja, não fazê-la somente quando se tem tempo ou de forma automática, somente para cumprir uma ordem superior. O ensino da leitura deve ser uma prática diária. As professoras devem saber que a prática induz ao hábito e isso permite ao aluno a praticar esse hábito também fora da

sala de aula. Delia Lerner (2008), destaca que a leitura tem várias finalidades como ler para resolver um problema, pra se divertir, pra se informar etc.

Com as observações citadas acima, chegamos a um consenso de investigarmos as práticas de leitura em sala de aula e se existem metodologias de ensino para essa prática. A partir daí, alguns questionamentos começaram a ser levantados como quais estratégias de leitura podem ser trabalhadas com os alunos? O professor tem conhecimento do trabalho com a oralidade em sala de aula? Qual o papel dos pais em relação ao desenvolvimento da leitura com seus filhos?

O desenvolvimento desse estudo se tornou relevante quando fizemos uma reflexão sobre as propostas de ensino em relação à oralidade dos alunos desenvolvidas pelos professores. Porém, na oportunidade nos deparamos com professores pouco interessados em trabalhar com a oralidade dos alunos destacando somente o trabalho com a alfabetização. A partir de então, percebeu-se a importância de analisar o processo de ensino da leitura.

Apresentaremos no primeiro capítulo a pesquisa da ABDL (Associação Brasileira de Difusão do Livro) que mostra resultados um tanto negativos em relação ao gosto, o interesse e ao acesso à leitura.

Para o segundo capítulo abordaremos a relação entre comportamento leitor e as finalidades da leitura, abordando que o processo da leitura vai muito além da visualização e da decodificação das letras do alfabeto. A leitura tem como objetivo desenvolver comportamento crítico no leitor. Também nesse capítulo destaca-se o uso das estratégias de leitura que quando bem utilizadas e bem elaboradas antes da leitura tem como objetivo melhorar a compreensão do texto por parte dos alunos.

No terceiro e último capítulo destacamos as propostas de trabalho com a leitura em sala de aula, propostas essas que envolvem todo corpo docente, o preparo dos professores em relação ao ensino da leitura e a estruturação de bibliotecas com um acervo de melhor qualidade.

CAPÍTULO I

LEITURA: O RETRATO DE UMA REALIDADE

1.1 A leitura em nosso país: a quantas anda?

Por ocasião dos nossos estágios, em visita às escolas públicas da nossa cidade, no Estado de São Paulo, principalmente as da periferia, deparamos com um quadro muito inquietante:

- Crianças com dificuldades para o desenvolvimento de uma oralidade com desenvoltura, com aparentes traços de timidez;
- Crianças pouco interessadas em livros;
- Acesso restrito à biblioteca, contando com um acervo voltado apenas para as áreas pedagógicas com pouca variação e a falta de opções de outros gêneros literários, como jornais, revistas;
- Crianças demonstrando pouca intimidade com a leitura e dificuldades na escrita.

Procurando por uma resposta, em nossas pesquisas, constatamos que esta preocupação não restringe apenas a esta unidade da Federação e sim um problema político-social.

O fato apresentado se assemelha ao problema relatado por Luis Antonio Torelli (2008), presidente da ABDL - Associação Brasileira de Difusão do Livro - no seu trabalho com as editoras objetivando a difusão do livro em nível nacional onde não há bibliotecas ou livrarias, diz até que os preços estão além das possibilidades das classes sociais que vivem nas periferias.

São mais de 30 editoras especializadas no segmento e cerca de 30 mil profissionais que continuam batendo de porta em porta com uma pilha de livros, objetivando difundir ainda mais a cultura, principalmente nas periferias das grandes cidades e nas regiões Norte e Nordeste do Brasil, onde dificilmente se encontram bibliotecas ou livrarias. (TORELLI, 2008) ¹

Os números da pesquisa de mercado, intitulada como Retratos da Leitura no Brasil, encomendada pela ABDL - Associação Brasileira de Difusão do Livro - foi apresentada dia 13 de Agosto de 2008, no Hotel Holiday Inn, em São Paulo - SP durante a 15ª Convenção Nacional dos Difusores do Livro, que aconteceu junto com a Bienal Internacional do Livro.

1.1.1 Retratos da Leitura no Brasil.

¹ TORELLI - Disponível: <http://www.nosrevista.com.br/2008/07/17/como-anda-a-educacao-no-brasil-o-que-autoridades-entidades-e-pessoas-comuns-pensam-sobre-o-assunto/>

A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil foi elaborada pelo Instituto Pró-Livro (IPL). O Instituto Pró-Livro é uma Organização Social Civil de Interesse Público - OSCIP - que é mantida com recursos constituídos das contribuições de entidades do mercado editorial (SNEL, CBL e Abrelivros). A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil apresentou dados bastante interessantes, a saber.

Com o objetivo de diagnosticar e medir o comportamento leitor da população, especialmente com relação aos livros, a pesquisa contou com 172.731.959 pessoas, com idades a partir de 5 anos. Segue abaixo as perguntas e respostas obtidas com essa pesquisa:

1) O que a leitura significa para os brasileiros?

R. Um em cada três brasileiros conhece alguém que venceu na vida graças à leitura.

2) O que os brasileiros gostam de fazer em seu tempo livre?

R. 60 milhões, ou seja, 35% dos pesquisados declararam gostar de ler em seu tempo livre. 38 milhões dizem fazer isso com frequência.

- O interesse por leitura em função de um maior grau de escolaridade varia de 48% no ensino médio para 64% no ensino superior. Nas famílias onde há um professor, este índice sobe de 32% para 46%; isto mostra a importância da valorização da leitura na formação de leitores.

- A preferência por leitura cresce com o aumento da renda. Entre os que ganham mais de 10 salários mínimos, chega a 67%.

3) Quem são os leitores de livros no Brasil?

R. 95,6 milhões - 55% da população estudada - declararam ter lido pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses; os outros 6 milhões leram em meses anteriores e não foram computados;

- 47,4 milhões, destes 50% dos leitores são estudantes que lêem livros indicados pelas escolas, inclusive didáticos;

- 6,9 milhões, 7% dos leitores estavam lendo a Bíblia.

- Dos outros 41,1 milhões que não são estudantes:

- 7,3 milhões - 9% - têm até 4ª série do Ensino Fundamental;
- 10,6 milhões - 27% - têm de 5ª a 8ª série do Ensino;
- 14,9 milhões - 37% - têm o Ensino Médio;
- 8,5 milhões - 55% - têm Ensino Superior.

4) Principais formas de acesso aos livros:

R. 3 em cada 4 brasileiros não vão a bibliotecas;

- Dos leitores que frequentam as bibliotecas basicamente durante a vida escolar.

- 46% dos alunos não têm esse hábito. Apenas 1 em cada 4 estudantes frequenta bibliotecas públicas municipais;

- O uso de bibliotecas diminui com o fim da vida escolar.

- Cai de 62% entre adolescentes para menos de 20% na fase adulta;
- 12% aos 50 anos;
- Chega a 3% acima de 70 anos.

Com este quadro, mais uma vez chegamos ao fato de que é quase impossível tornar as crianças de hoje leitores proficientes, uma vez que os resultados apontam para o baixo interesse de adultos que, por conseguinte representam os possíveis pais de crianças que também estão inseridos neste resultado. Não havendo interesse dos pais, provavelmente não há incentivos de leitura e muito menos acompanhamento da vida escolar dos seus filhos.

1.2 O retrato da leitura nas séries iniciais das escolas pesquisadas.

Os fatos relatados refletem muito nos resultados do Saresp (Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo) e Prova Brasil 2005 e 2007 que foram amplamente divulgados pela mídia e constam dos relatórios do MEC.

Prova Brasil - Avaliação do Rendimento Escolar 2005 e 2007.

Língua Portuguesa, 4ª série do Ensino Fundamental.

DESEMPENHO DAS ESCOLAS

Médias comparadas

	2005	2007
Brasil		
Escolas estaduais	176,07	175,96
Escolas municipais	171,09	172,35
Total	172,91	171,40
Estado		
Escolas estaduais	180,12	176,71
Escolas municipais	176,61	183,03
Total	178,19	180,40
Município		
Escolas estaduais	-	-
Escolas municipais	193,36	185,06
Total	193,36	185,06
Escolas pesquisadas:		
Centro	199,99	189,50
Bairro	186,43	188,39

Estatísticas elaboradas pelo:

IDEB - Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP.

Ministério da Educação - MEC.

Os alunos das 4ª séries do ensino fundamental das escolas que efetuamos os estágios se encontram classificados na Escala de Proficiência da Língua Portuguesa de leitura do Saesp entre o ponto 175 e 200 e compreende os seguintes descritores:

Reconstrução das condições de produção e recepção de textos.

- identificam o objeto de uma propaganda comercial, considerando itens explícitos de informação, assunto, e recursos iconográficos.
- identificam o gênero de um texto (artigo de divulgação científica adaptado para crianças), considerando seu assunto.

Reconstrução dos sentidos do texto.

- inferem o sentido de uma palavra em segmento de notícia para crianças, selecionando uma expressão de sentido equivalente.

- localizam item de informação explícita em uma carta familiar e notícia, com base na sua compreensão global.
- localizam, em parte inicial de notícia ou artigo de divulgação científica para crianças, um item explícito de informação (o que, quem, como, quando, onde etc.), articulando texto verbal e elementos gráfico-visuais ou imagem (foto).
- estabelecem relações entre imagens (foto) e o corpo do texto, comparando itens de informação explícita em notícia, tira em quadrinhos e artigo de divulgação.
- selecionam legenda apropriada para uma foto em que a mensagem está implícita.
- identificam, em episódio de historieta em quadrinhos, a personagem a que uma outra se refere, com base nas situações retratadas por recursos gráfico-visuais próprios do gênero.
- inferem a mensagem social implicada na última frase de uma notícia voltada para crianças, indicando a paráfrase que melhor a retrate.

Reconstrução da textualidade.

- identificam o segmento de um artigo de divulgação em que as informações são apresentadas no tempo passado.
- estabelecem relações entre segmentos de um artigo de divulgação, identificando o referente de um pronome substantivo demonstrativo.
- estabelecem, com base em inferências básicas, relação causa / consequência entre itens explícitos de informação distribuídos ao longo do texto, em notícia para crianças.
- identificam a causa do comportamento de uma personagem de historieta em quadrinhos, com base nos recursos gráfico-visuais disponíveis.
- inferem o efeito de sentido produzido, em episódio de história em quadrinhos, pelo uso reiterado de uma palavra.

Recuperação da intertextualidade e estabelecimento de relações entre textos.

- inferem o efeito de humor produzido em tira em quadrinhos com base em sua compreensão global.

Compreensão de textos literários.

- inferem informação subentendida em texto literário (conto e fábula), estabelecendo uma relação de causa e consequência entre seus segmentos.
- inferem informação subentendida em texto literário (poema e conto), com base em sua compreensão global.

- identificam o segmento de uma narrativa literária em que o enunciador determina o desfecho do enredo.
- identificam o desfecho de conto infantil, avaliando a paráfrase que melhor o resume.
- identificam o enunciador do discurso direto de um segmento de narrativa literária (conto).
- inferem o motivo do comportamento de uma personagem em um conto infantil, selecionando a paráfrase que representa esse motivo.
- identificam o efeito de sentido produzido em um poema pelo uso de onomatopéia.

A leitura nas escolas em que efetuamos os estágios - 4ª série do ensino fundamental - se apresenta com muito bom desempenho e muitas habilidades quando comparadas com as demais escolas do município, do estado e do Brasil. Porém muitas outras ações devem ser pensadas com o intuito de tornar as nossas crianças leitores proficientes e profícuos no letramento e na linguagem culta.

Fábio Takahashi, jornalista da Folha de São Paulo, e Sonia Penin, diretora da Faculdade de Educação da USP, apresentam as suas impressões com relação ao desempenho dos alunos apontados nos Saesp e na Prova Brasil e as prováveis causas para o baixo índice de aproveitamento.

Em sua matéria, o jornalista Fábio Takahashi, da Folha de São Paulo, no dia 15 de Março de 2008 destaca o baixo nível de rendimento das escolas da rede municipal entre os alunos da 4ª série, baseado nos resultados do Saesp e Prova São Paulo.

Os resultados do Saesp foram divulgados dia 13/03/2008 e a Prova São Paulo em fevereiro de 2008. Destaca-se nestes resultados que nas escolas municipais, 29,7% dos alunos da 2ª série estão em nível crítico de leitura e que na rede estadual, apenas 4,1% dos formandos no ensino médio estão no nível adequado em matemática, sendo que, as duas redes, tanto a estadual quando a municipal, estão com o rendimento abaixo do esperado. De acordo com Fábio Takahashi (2008):

Os alunos da rede estadual de SP têm desempenho melhor que os das escolas municipais na 4ª série. A situação, porém, é oposta na 6ª e na 8ª séries. O panorama vale tanto para as médias em língua portuguesa quanto para matemática. Na 4ª série, os alunos da rede estadual tiveram 17,81 pontos a mais que os do sistema municipal em português - na escala utilizada, a cada dez pontos significa o equivalente a seis meses a mais de aprendizagem. Já na 8ª série, os estudantes das escolas municipais

tiveram 21,58 pontos de vantagem em matemática, a maior diferença entre as séries analisadas. (TAKAHASHI, 2008) ²

Cinthia Rodrigues, colaboradora da Folha de São Paulo, entrevistou Sonia Penin ³ em 05/12/2007. Sonia Penin é diretora da Faculdade de Educação da USP; exerceu o cargo de pró-reitora de pós-graduação na mesma universidade até 2005. Foi também coordenadora da COGSP - Coordenadoria de Ensino da Grande São Paulo - de 1995 a 1998.

² TAKAHASHI - Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u382217.shtml>

³ PENIN, Disponível: <http://e-educador.com/index.php/notas-mainmenu-98/395-para-diretora-da-educa-da-usp-exame-revela-qcalamidadeq-em-escolas-pcas>.

A professora Sônia, comentando a avaliação do Pisa (Pisa, sigla em inglês, que significa: Programa Internacional de Avaliação de Alunos), divulgado em 04/12/2007 pela OCDE - Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico - revela que a educação brasileira chegou à "calamidade".

Quando perguntado se a educação tem piorado, ela afirmou que “não dá para comparar a educação de hoje com a de antigamente. A escola pública brasileira dos anos 50 era só de uma camada muito restrita da elite brasileira. Depois, iniciou um movimento para atender todas as camadas socioeconômicas e culturais. Ainda não completou esse movimento, sobretudo no ensino médio, mas, de qualquer forma, houve um acolhimento significativo. O que se percebe é que a escola está com problemas para atender esta diversidade maior”.

Quando perguntado a ela quais os problemas graves e comuns, disse que os problemas objetivos indicados são: “tempo de estudo, tempo de exposição à aprendizagem. Apesar da diferenciação muito grande de escola para escola, o tempo letivo de 4 horas, 5 horas nas melhores escolas, é muito pouco para a gente fazer páreo para esses países que estão à frente. Além disso, ainda ocorre que, nessas quatro horas, eles não têm aula. Por ausência do próprio aluno, por ausência do professor ou até por não existir professor”.

Quando perguntado qual o maior problema, ela disse ser a “falta de valorização e capacitação dos professores. A questão salarial é fundamental, mas não é só isso. Hoje, precisa de capacitação dentro da escola para professores, diretores e todos os envolvidos”.

Com relação à infra-estrutura das escolas, a professora Sônia afirma que: “os equipamentos são importantes, mas hoje muitas escolas estão equipadas e não vemos os reflexos. Há muitos

laboratórios de ciências que não são usados. O que falta é o uso dos recursos, ou seja, professores preparados”.

Sabe-se também que os pais têm um papel muito importante na formação dos seus filhos e que se dá através do diálogo e do acompanhamento da vida escolar.

Para as crianças em séries iniciais, os pais se constituem como elementos de expressão motivacional e de formação. Os pais, cidadãos comprometidos, motivados e com uma vivência diária de leitura, precisam contribuir com os filhos no incentivo a essa prática. Podem contribuir de uma maneira muito simples, porém, muito significativa. Devem investir na orientação e nas ações em favor dos filhos. Convém descobrir o que sabem e orientá-los acerca do que vêem, do que está escrito, o que dizem as imagens impressas nos seus materiais de leitura diária ou visíveis em outdoors e outros.

Penin confere aos pais uma responsabilidade muito grande e aponta que as “pesquisas mostram que escolas com participação dos pais têm melhores resultados. Nos anos 50, quando só a elite estudava, os pais eram alfabetizados, tinham livros em casa. Se um filho não ia bem, recebia reforço escolar no tempo livre. Hoje, muitos pais não têm conhecimento para ajudar os filhos”, no entanto, é muito importante que os pais invistam em favor da vida dos filhos para que saibam o valor de uma família e sintam-se comprometidos no estabelecimento destas relações.

Este anacronismo precisa ser superado através de políticas públicas comprometidas com os programas educacionais visando à formação, atualização e incentivos aos profissionais da educação. Estes profissionais da educação são os canais de incentivo a leitura e ao bom gosto pela leitura que são condições indispensáveis que possibilitam as práticas sociais favorecendo ao intercâmbio cultural e a troca de experiências.

É preciso pensar e agir rápido para que não venhamos a transferir responsabilidades aos adultos de amanhã que hoje ainda são apenas crianças em busca de oportunidades e bom direcionamento.

CAPÍTULO II

A LEITURA ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL

2.1 - Comportamento leitor e finalidades de leitura: uma articulação importante.

O processo da leitura vai muito além da visualização e da decodificação das letras do alfabeto. Consiste na elaboração, formar e decifrar as palavras, os parágrafos e o próprio texto. Visa entender, interpretar, reconhecer, perceber e dar o sentido ao gênero gramatical contido no texto tanto oral quanto escrito. Objetiva-se principalmente em desenvolver no leitor o comportamento crítico.

O nosso estudo, embora se fundamente na leitura, é quase impossível falar da leitura sem se relacionar com a escrita uma vez que são práticas indissociáveis, ou seja, são processos inseparáveis, porém, é a nossa intenção dar um maior enfoque à leitura.

Com um entendimento proficiente do leitor, a leitura se apresenta como algo intencional e mágico por parte de quem lhe comunica, senão enquanto ato, enquanto processo da descoberta de um universo desconhecido e maravilhoso.

Paulo Freire (1988, p.69) em um dos seus livros, descreve que "ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo; os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo". Isto é, a formação deve ser focada para o indivíduo, porém pensar numa atuação coletiva guiados para a própria a formação. Contudo deve-se pensar e adotar os

processos metodológicos como instrumentos de formação que fortaleçam o grupo, estabelecendo-se uma formação compartilhada entre os grupos.

De acordo com Delia Lerner (2008, p.61-62), “aprende-se a ler, lendo” e “aprende-se a escrever, escrevendo.” Assim, vale dizer que a este jargão estão associados às práticas educativas com o objetivo de ensino a partir das práticas de leitura e escrita. O professor transmite as informações, sendo o mediador por excelência dos saberes e os alunos contemplados, analisam, reformulam os seus conhecimentos, as suas experiências, faz as suas reflexões e as reproduzem oralmente ou através da escrita. Porém, ao se planejar um currículo, os conteúdos, pensados pelo docente, podem ser insuficientes para o aprendizado e não produz os efeitos desejados, ou seja, não se forma o educando.

“Aprende-se a ler lendo” e “aprende-se a escrever, escrevendo” são lemas educativos que expressaram o propósito de instalar as práticas de leitura e escrita com objetivo de ensino. Apesar de esses lemas, hoje, muito difundidos, sua concretização na atividade cotidiana da sala de aula é ainda pouco freqüente. A que se deve essa distância entre o que se tenta fazer e o que efetivamente se faz? Entre as razões que a explicam, há uma que é fundamentalmente considerar ao planejar um currículo: não é suficiente - da perspectiva do papel docente - reconhecer que se aprende a ler, lendo (ou a escrever, escrevendo), é imprescindível, além disso, esclarecer o que é que se aprende quando se lê ou se escreve em aula, quais são os conteúdos que estão ensinando ao ler ou ao escrever. (LERNER, 2008, p.61-62)

A criança quando chega à escola se expressa através de uma linguagem oral com significados para solicitar, perguntar, responder e argumentar em situações reais de interação dentro do seu entendimento. Precisam aprender, a partir daí, fazer o uso da linguagem escrita para interagir com um interlocutor que não está presente. Para isso é necessário a apresentação de situações reais de escrita e desafiá-las a escrever.

O aluno precisa compreender que um texto oral ou escrito, cumpre a sua função quando consegue aproximar a intenção de dizer com o que de fato se exprime e que também pode ser escrito; que a interpretação se dá pela compreensão e entender que quem ouve pode e é capaz de ler.

O processo de aprendizagem e da alfabetização se dá num momento muito especial da vida de um alfabetizando no momento da escrita. Acontece quando o aluno faz as suas associações na elaboração da escrita, entende a constituição das sílabas e a formação das palavras e como num passe de mágica passa a um processo melhor elaborado para os seus pensamentos. Quando entende que a leitura e a escrita se conjugam entre si.

O aprendizado se dá em última instância, de forma solitária, embora se desenvolva na convivência diária, cada vez maior com os outros grupos e com o mundo, naturalmente.

A leitura é importante em todos os níveis educacionais. Deve ser iniciada no período de alfabetização e continuar nos diferentes graus de ensino. Constitui-se de uma forma de interação e da relação das pessoas de qualquer área do conhecimento.

A leitura é uma atividade essencial em qualquer área do conhecimento. Está intimamente ligada ao sucesso do ser que aprende. Permite ao homem situar-se e relacionar-se com os outros. Possibilita a aquisição de diferentes pontos de vista e alargamento de experiências. É também um dos recursos utilizados para combater a alienação produzida pelos sistemas contra as pessoas e ainda a massificação imposta principalmente pela televisão por não abrirem espaços para a criticidade. Para o homem, o livro é ainda um importante veículo para a criação, transmissão e transformação da cultura e ampliação dos conhecimentos.

Através do hábito da leitura, o homem pode tomar consciência das suas reais necessidades, reformulando conhecimentos, promovendo a sua transformação e a do mundo. Pode praticar o exercício de uma melhor e fluente comunicação e da sua libertação.

A capacitação de leitores se dá por acesso às informações mais objetivas. De sujeitos passivos, os leitores proficientes tornar-se-ão críticos da realidade, além de poder transformar essa realidade a partir do que foi conhecido e construído durante as leituras.

O interesse e o hábito da leitura se processam nas séries iniciais, quando as crianças começam a ter contato e a se encantarem com as figuras ou símbolos que veem. Porém, podem frustrar-lhes em razão dos textos utilizados serem muitas vezes ultrapassados e alienados dos problemas da realidade, não constituindo nenhuma motivação para o aluno ou ainda, por estar pautado por informações inadequadas a sua fase.

O mercado está repleto de livros didáticos sem sustentação filosófica e teórica e, muitas vezes, ainda conta com a incompetência profissional do educador para uma orientação pedagogicamente correta desta prática. As leituras oferecidas aos alunos tendem mais para o tradicionalismo do que para o construtivismo e reproduz uma ideologia ultrapassada que muitas vezes já não apresentam algo que lhe motive e contrasta-se com aquilo que já viu ou ouviu e que tem em sua concepção como algo certo, adequado e inquestionável.

A educação do ser humano envolve dois fatores indissociáveis: formação e informação. Por isso, os conhecimentos transmitidos às novas gerações devem ser trabalhados com os valores e costumes para que promovam a sobrevivência e a evolução da cultura, sem descaracterizar a sua própria identidade cultural. Os textos podem ser utilizados na realização de objetivos educacionais tanto para formar como para informar.

Ler deve ser uma proposta que se traduz numa prática básica e essencial para o aprendizado e para a evolução de si mesmo. Nada substitui a leitura, mesmo numa época de proliferação dos recursos audiovisuais e da informática.

A leitura é parte essencial do trabalho, do empenho, da perseverança e da dedicação dos interessados em aprender. O hábito de ler é decorrente do exercício e de um direito natural.

A ação para a leitura deve proporcionar, produzir e constituir no leitor tanto um ato prazeroso quanto necessário. Por este motivo, o professor deve estimular os alunos ao hábito de leitura.

O principal objeto de ensino na escola tem por fundamento a leitura. Para que isto ocorra é necessário que se transforme num objeto de aprendizagem e que também tenha sentido do ponto de vista do aluno.

Para que a leitura como objeto de ensino não se afaste demasiado da prática social que se quer comunicar, é imprescindível “representar” - “ou rerepresentar” -, na escola, os diversos usos que ela tem na vida social. No caso da leitura (e da escrita), os projetos de interpretação-produção organizados para cumprir uma finalidade específica - vinculada em geral à elaboração de um produto tangível -, projetos que já são clássicos em didática da língua escrita, parecem cumprir com as condições necessárias para dar sentido à leitura.

Agora, os projetos devem ser dirigidos para a realização de algum (ou vários) dos propósitos sociais da leitura: ler para resolver um problema prático (fazer uma comida, utilizar um aparelho, construir um móvel); ler para se informar de um tema de interesse (pertencente à atualidade política, cultural etc., ou ao saber científico); ler para escrever, quer dizer, para produzir o conhecimento que se tem sobre o tema do artigo que a pessoa está escrevendo ou da monografia que deve entregar; ler para buscar informações específicas que se necessitam por algum motivo – o endereço de alguém ou o significado de uma palavra por exemplo. (LERNER, 2008, p.80)

2.2 - Uso das estratégias de leitura: contribuições para o aprendizado nas séries iniciais.

Para Izabel Solé (1998, p.72), o ensino das estratégias de compreensão se torna necessário porque tem como objetivo formar leitores autônomos capazes de enfrentar de forma inteligente texto de índole muito diverso, na maioria das vezes diferente dos utilizados durante a instrução.

Formar leitores autônomos também significa formar leitores capazes de aprender a partir dos textos. Para isso, quem lê deve ser capaz de interrogar-se sobre sua própria compreensão, estabelecer relações entre o que lê e o que faz parte do seu acervo pessoal questionar seu conhecimento e modificá-lo, estabelecer generalizações que permitam transferir o que foi aprendido para outros diferentes. (SOLÉ, 1998, p. 72)

Solé (1998, p.73-74) em consonância com os escritos de Palincsar e Brown sugerem as atividades cognitivas que devem ser ativadas como estratégias que podem ser utilizadas pelo leitor para a compreensão da leitura. Trata-se das estratégias prévias à leitura. Um trabalho bem elaborado antes da leitura com o objetivo de melhorar a compreensão do texto pelos alunos. 1) proposta do professor para a leitura; 2) motivação para leitura -‘conhecimento prévio’; 3) objetivos da leitura ‘determinando a forma com que o leitor se situará frente ao texto e controlará a consecução do seu objetivo’; 4) revisão e atualização do conhecimento prévio ‘o que o leitor sabe sobre o texto’; 5) estabelecimento de previsões sobre o texto baseadas nos aspectos do texto; 6) formulação de perguntas sobre o texto, que manterão os alunos absortos na leitura, contribuindo para melhorar a compreensão.

Seguem as estratégias para a leitura de forma mais detalhada:

1. Compreender os propósitos implícitos e explícitos da leitura. Equivaleria a responder às perguntas: Que tenho que ler? Por que/para que tenho que lê-lo?
2. Ativar e aportar à leitura os conhecimentos prévios relevantes para o conteúdo em questão. Que sei sobre o conteúdo do texto? Que sei sobre conteúdos afins que possam ser úteis para mim? Que outras coisas sei que possam me ajudar? Sobre o autor, o gênero, o tipo do texto...?
3. Dirigir a atenção ao fundamental, em detrimento ao que pode parecer mais trivial em função dos propósitos perseguidos; V. ponto 1. Qual é a informação essencial proporcionada pelo texto e necessária para conseguir o meu objetivo de leitura? Que informações posso considerar pouco relevantes, por sua redundância, seu detalhe, por serem pouco pertinentes para o propósito que persigo?
4. Avaliar a consistência interna do conteúdo expressado pelo texto e sua compatibilidade com o conhecimento prévio e com o “senso comum”. Este texto tem sentido? As ideias expressadas no mesmo tem coerência? É discrepante com o que eu penso, embora siga uma estrutura de argumentação lógica? Entende-se o que quer exprimir? Que dificuldades apresenta?

5. Comprovar continuamente se a compreensão ocorre mediante a revisão e a recapitulação periódica e a autointerrogação. Que se pretendia explicar neste parágrafo, subtítulo, capítulo? Qual é a idéia fundamental que extraio daqui? Posso reconstruir o fio dos argumentos expostos? Posso reconstruir as ideias contidas nos principais pontos? Deles tenho uma compreensão adequada?
6. Elaborar e provar inferências de diversos tipos, como interpretações, hipóteses, previsões e conclusões. Qual poderá ser o final deste romance? Que sugeriria para resolver o problema exposto aqui? Qual poderia ser - por hipótese - o significado desta palavra que me é desconhecida? Que pode acontecer com este personagem? (SOLÉ, 1998, p.73-74)

Os exemplos extraídos mostram que se forem utilizados pelos professores junto aos seus alunos podem promover a compreensão do texto lido. Solé ressalta que as estratégias devem ajudar o leitor a escolher outros caminhos quando se deparar com problemas na leitura. Segundo Solé, as estratégias apresentadas seriam pouco úteis se não mantiver subjacente a idéia de revisão e mudança da própria atuação quando fizer necessário.

Repensando, a leitura não é um trabalho puramente de decodificar letras e palavras de forma linear, nem processo predominante de decodificação, nem mesmo processo da confirmação de resultados de informações. Envolve a realidade social, as circunstâncias do ato da leitura, a experiência do leitor e os propósitos que orientam e o motivam para o ato de ler.

Capítulo III

Leitura: propostas de trabalho em sala de aula

3.1 – Práticas de leitura existentes em sala de aula nas séries iniciais: um olhar investigador.

O ensino da leitura na sala de aula, principalmente nas séries iniciais, devem contemplar os alunos com propostas que permitam a sua formação pessoal e intelectual.

Os PCNs e programas de formações estão com as suas ações focadas para os alunos e professores, visando sempre a sua atualização ante as necessidades do tempo, respeitando as fases e a cultura de cada sociedade.

Professores e autores especializados em línguas, na atual conjuntura estão preocupados em comunicar e formar o leitor autônomo, com propostas de estímulos à sensibilidade, criatividade, criticidade e incentivo ao gosto pela leitura, contribuindo para a formação de cidadãos efetivamente comprometidos com a prática social. Porém, as propostas não podem ficar retidas nas mãos de poucos: gestores, coordenadores e profissionais da educação; devem ecoar nas salas de aulas. As ações vêm sendo implementadas paulatinamente com melhores qualificações profissionais e estruturação dos sistemas.

Além do melhor preparo aos professores, vemos como importante a estruturação do espaço escolar, complementando a biblioteca com um acervo de melhor qualidade aberto a todas as necessidades tanto na escola, como para as atividades extracurriculares. A biblioteca deve compor-se de um laboratório de leitura, com acervos pertinentes voltados não apenas para a literatura e a educação; não como lugar onde a prática de leitura seja restrita à pesquisa e a consulta, mas voltada para a satisfação de necessidades mais amplas do ser humano (culturais, afetivas, estéticas etc.).

As propostas devem estimular o uso da literatura infantil como elemento essencial para a formação do leitor nas séries iniciais; estimular o trabalho com a oralidade no texto literário, aproveitando o universo infantil para as várias possibilidades de leitura.

No que tange a qualificação, pensar e formar o docente das séries iniciais com habilidades como contador de histórias e criar conjuntamente metodologias que proporcionem a formação do gosto pela leitura.

Os gestores, coordenadores de ensino e professores dentro dos HTPC - Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo - entre os muitos compromissos devem pensar nas habilidades e resoluções com metodologias diferenciadas e encantadoras para melhorar o aproveitamento da prática da leitura.

- Acompanhar e orientar o trabalho desenvolvido por professores em sala de aula;
- Disseminar e multiplicar as metodologias e estratégias para a formação do leitor;
- Habilitar o aluno para consulta em bibliotecas (regulamento do sistema de funcionamento: cuidados com acervo; procedimento para inscrição consulta e/ou retirada de trabalhos etc.);
- Constituir acervo diversificado de literatura infantil e de material didático-pedagógico para alunos e professores, bem como produzir guias de leitura que auxiliem na seleção de obras literárias adequadas para o trabalho nas séries iniciais;
- Expandir as formas de interpretação de textos escritos para diferentes campos de linguagem (teatro, artes plásticas, música, cinema, etc.);

- Proporcionar o acesso de alunos das séries iniciais a novas tecnologias, como o computador, por exemplo, desmistificando seu uso e viabilizando-o como nova possibilidade de linguagem.

LACERDA (2008, p.65-66) interpreta Vygotsky onde defende que a noção de linguagem escrita é inicialmente, um simbolismo de segunda ordem, isto porque a linguagem escrita tende a representar os sons da fala, sendo nesse sentido secundária a linguagem oral. Porém, esta concepção desaparece e cede lugar a linguagem oral como um elo fundamental que intermedia a escrita e aquilo que ela representa, tornando-se a linguagem escrita um elemento que representa a realidade, ou seja, um simbolismo de primeira ordem.

As relações entre a oralidade e a escrita se constituem num importante instrumento que é a linguagem. A linguagem por sua vez é o próprio meio para estabelecer a internalização do conhecimento. A internalização implica na transformação de fenômenos sociais em fenômenos psicológicos envolvendo a apropriação pelo sujeito de significados dos objetos e dos lugares ocupados pelas pessoas. A linguagem constitui-se, portanto o canal de internalização do sujeito e promove a sua relação ao longo do desenvolvimento das suas ações com significado, tornando-se, portanto a materialização dos pensamentos e o perfeito entendimento dos cidadãos no seu processo de formação.

Todo o processo de aprendizagem bem como as ações, conhecimento e a relação estabelecida entre eles, geram transformações internas de maior ou menor grau, pois nem toda experiência de aprendizagem interfere de forma semelhante no desenvolvimento. Também o que se aprende pela oralidade pode intervir sobre os conhecimentos construídos através da escrita e vice-versa, de forma involuntária e com evoluções, cada qual segundo o aprendizado para o desenvolvimento geral ou específico dos indivíduos.

A escola, portanto, deve ser um espaço de formação e informação onde os alunos, por meio da linguagem e da aprendizagem dos conteúdos, são inseridos no dia-a-dia nas questões sociais e em um universo cultural maior.

Os conteúdos escolares devem ser pensados de forma a dar sentido e significados aos alunos, na medida em que constrói formas e saberes socialmente estruturados que implicam estabelecer relações com aquilo que já sabem.

A escola deve oferecer aos alunos condições para que possam fazer uso da linguagem para as diversas situações de comunicação, tanto oral quanto escrita.

Ao aluno, após ser devidamente habilitado, cabe usufruir e aplicar adequadamente da linguagem em situações públicas, utilizar-se oralmente dentro dos padrões considerados corretos pela sociedade.

A formação é um processo contínuo, a linguagem culta vai tomando um novo efeito na vida do cidadão, e a sociedade cobra esta atualização. É importante a evolução e o aprimoramento da instituição escolar e levar os alunos a compreenderem este processo para uma melhor participação política e social, respeitando as suas culturas.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (1997,p. 38) atribuem às instituições escolares o compromisso de “eleger a língua oral como conteúdo escolar. Esse compromisso exige o planejamento da ação pedagógica de forma a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua.”

A cultura e a sociedade se utilizam dos recursos da língua convencionalmente para expressarem individualmente ou coletivamente as suas idéias e guia as suas atividades mentais. Os vários códigos linguísticos são responsáveis pela transmissão cultural e determinam os modos de ver, pensar e estabelecer as suas relações sociais. Portanto, a escola deve estar comprometida de forma democrática com a sociedade e com a sua cultura e deve garantir aos alunos os saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania.

A comunicação em sala de aula e a interação com os demais grupos levam os alunos a perceberem a sua importância como cidadãos e a estabelecerem um diálogo em diversas situações, respeitando as diferenças e reproduzirem a sua cultura.

Para que a criança aprenda melhor não basta que saiba apenas manifestar e resolver as situações do seu cotidiano. É preciso que as tarefas relativas à linguagem oral estejam interligadas e contextualizadas às outras áreas do conhecimento para que, por meio da linguagem se realizem aprendizagens da natureza linguística.

A escola precisa promover através da linguagem o processo de enculturação - processo pelo qual a sociedade condiciona seus membros para que assimilem a cultura dominante e

participem da evolução da sociedade - e que todos os sujeitos possam manter a vida social pela comunicação.

A escola, na preparação do currículo, deve estabelecer processos e atividades que favoreçam a fala como reconstrução das experiências compartilhadas, pois, além de integrar os alunos na sociedade, leva-os a desenvolverem pensamentos críticos perante as situações sociais expressando e solucionando problemas por suas próprias ideias.

As relações entre a oralidade e a escrita se constituem num importante instrumento que é a linguagem. LACERDA (2008, p.66) ressalta que a linguagem por sua vez é o próprio meio para estabelecer a internalização do conhecimento. A internalização implica na transformação de fenômenos sociais em fenômenos psicológicos envolvendo a apropriação pelo sujeito de significados dos objetos e dos lugares ocupados pelas pessoas. A linguagem constitui-se, portanto, o canal de internalização do sujeito e promove a sua relação ao longo do desenvolvimento das suas ações com significado, tornando-se, portanto, a materialização dos pensamentos e o perfeito entendimento dos cidadãos no seu processo de formação.

Conclusão

As crianças gostam de ler. Quando podem optar pela livre escolha, lêem gêneros mais fáceis que relatam as coisas do seu mundo de fantasias, principalmente se esta literatura for composta com imagens, o que facilita o entendimento. É um bom sinal, pois ampliam os horizontes da imaginação, melhor se gostassem também de ler em sala de aula e assim passassem a entender o real sentido da leitura que levam a outras dimensões, não só para o lazer.

Muitos estudos e pesquisas têm evidenciado a importância das atividades literárias diferenciadas no contexto educacional para o bom desempenho da criança. A utilização da literatura como recurso pedagógico pode ser enriquecida e potencializada pela qualidade das intervenções do educador.

Existe a necessidade de propostas com atividades que prendam mais a atenção dos alunos e não apenas exercícios que se tornam sem sentido e enfadonhos a partir de determinado momento. As propostas não devem incitar as crianças apenas a decodificar as palavras, e levá-las a executar os exercícios propostos que tendem a perda do interesse em continuar ou em tentar ler outro texto.

Em geral, as crianças não conversam com o autor do texto, não tentam entender o que está escrito, não sabem a real importância de se entender o que o autor quis dizer ao escrever. Essa prática é pouco cultivada na escola.

Pudemos constatar através dos teóricos, nos depoimentos dos especialistas da educação e nos levantamentos da ABDL - Associação Brasileira de Difusão do Livro -, que a causa da baixa procura por livros está relacionada ao custo elevado dos exemplares e das dificuldades de acessá-los, na pouca motivação dos pais e responsáveis pelo testemunho de uma prática de leitura e no despreparo dos professores para uma orientação motivacional. Portanto, os acessos aos livros devem ser facilitados e o incentivo pela busca e consulta a livros com gêneros variados deve se tornar uma rotina tão saudável quanto o suprimento das necessidades fundamentais do ser humano. O gosto pela leitura pode ser aprendido e pode ser ensinado, porém necessita da intervenção do professor que deve estar preparado para desenvolver esse trabalho com os alunos. Ensinar a gostar de ler não é tarefa fácil, mas se o professor trazer esse trabalho para a sala de aula, estimulando os alunos, explicando o real sentido da leitura, tudo se torna mais fácil.

Na escola, os alunos devem ser os destinatários do processo de formação. Os professores, agentes de formação, representantes diretos da escola tem o compromisso de criar expectativas para o aluno no sentido de fomentá-los no intuito de serem os protagonistas para a aquisição do hábito da leitura e na sua formação de leitor, pois mesmo com suas limitações, a escola com a sua estrutura e os seus professores interlocutores dos processos criam condições para o aprendizado da leitura.

Tradicionalmente, na instituição escolar, lê-se para aprender a ler, enquanto que no cotidiano a leitura é regida por outros objetivos, que conformam o comportamento do leitor e sua atitude frente ao texto. Essas leituras, guiadas por diferentes objetivos, produzem efeitos diferentes, que modificam a ação do leitor diante do texto. Nesse processo, ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer.

O trabalho da leitura na escola deve estabelecer fundamentos significativos no aprendizado do aluno, pois, na relação que se estabelece com seu leitor, converte-o num ser crítico perante as circunstâncias.

Bibliografia

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: 2. Língua portuguesa (1ª a 4ª séries)**. Brasília. SEF/MEC, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola, o real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PENIN, Sonia Terezinha de Souza (2007). **Para diretora da Educação da USP, exame revela "calamidade" em escolas públicas**. Disponível: <http://educador.com/index.php/notas-mainmenu-98/395-para-diretora-da-educa-da-usp-exame-revela-qcalamidadeq-em-escolas-pcas>.

SARESP, (2008) **Descrição da Escala de Língua Portuguesa - Leitura**. Disponível: http://saresp.edunet.sp.gov.br/2008/pdf/Resultados/EscalasProficiencia/Saresp2008_Escala_LinguaPortuguesa.pdf

LACERDA, Cristina B.F. de et al. **A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotski e a construção do conhecimento. É preciso falar bem para escrever bem?** 12. Ed. São Paulo: Papyrus, 2008.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TAKAHASHI, Fábio (2008). **Aluno de 4ª série do Estado de SP se sai melhor que o do município.** Disponível: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u382217.shtml>

TORELLI, Luís Antonio (2008). **Como anda a Educação no Brasil?** O que autoridades, entidades e pessoas comuns pensam sobre o assunto? Nós – Fora dos Eixos. Thesaurus Editora de Brasília. Disponível: <http://www.nosrevista.com.br/2008/07/17/como-anda-a-educacao-no-brasil-o-que-autoridades-entidades-e-pessoas-comuns-pensam-sobre-o-assunto/>